

A bruxa está solta; pode ser o santo forte de ACM

Tebet e Saturnino, os primeiros alvos

Catia Seabra

• BRASÍLIA. Pode ser mera coincidência. Mas os tambores da Bahia, onde uma legião de pais e mães-de-santo cultuam a imagem do senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), parecem estar ecoando em Brasília. Em menos de uma semana, os dois maiores algozes de Antonio Carlos — o presidente do Conselho de Ética do Senado, Ramez Tebet (PMDB-MS), e o relator do processo, Saturnino Braga (PSB-RJ) — foram neutralizados pela boca. Primeiro foi Tebet, que, na quinta-feira, dia da acareação no Conselho de Ética, foi vítima de uma irritação alérgica e presidiu a sessão com os lábios inchados. No sábado à noite, Saturnino teve a boca cravejada de espinhos após morder um pequi (fruto do cerrado).

Defensores celestiais de Antonio Carlos descartam qualquer intenção de ferir os desafetos do senador, ao realizar rituais para sua proteção. Mas alguns chegam a admitir a possibilidade de essa corrente afetar seus inimigos. Presidente da Federação Nacional da Tradição e Cultura Afro-brasileira, que reúne 3.522 terreiros em São Paulo, Valmir Damasceno, o Tatá Katurvanjesi, lidera hoje a divulgação de um manifesto em apoio a Antonio Carlos.

O documento tem o apoio da Ordem de Entidades Afro-brasileiras, com 26 mil terreiros em São Paulo. Para Damasceno, os incidentes com os senadores podem, sim, ser produto da proteção de que Antonio Carlos seria objeto:

— O senador sempre foi alvo do carisma do povo santo. Sempre pais e mães de santo estão rezando em sua defesa. A reza é um poder mágico. E é possível que quem o contrarie passe por essas desventuras.

Na Bahia, é grande a corrente em defesa de Antonio Carlos. Mãe Carmem do Gantois, filha de Mãe Menininha, assinou um manifesto de apoio, além de orar por ele. Mãe Elza de Oxum, por exemplo, trabalha por ele diariamente.

— Todos rezamos por ele. Ele tem proteção de Deus. Por isso, seus desafetos podem passar por incidentes — diz ela.

Pai Raimundo de Oxum discorda:

— Tenho arriado muito ebó para Oxalá e oferendas aos orixás. Temos pedido muito por ele. Tanto o povo católico como o afro. Mas fazemos coisa para o bem. Não para ferir alguém. Como já dizia o cronista esportivo João Saldanha, “se macumba adiantasse alguma coisa, o campeonato baiano terminava empatado” — explicou.